

Alguns apontamentos sobre o património megalítico do Alto Alentejo, à boleia do processo de classificação do megalitismo alentejano

Nelson A. C. Almeida

Arqueólogo, CCCR Alentejo

Resumo

O processo de classificação do Megalitismo Alentejano em curso tem permitido recolher um conjunto de dados essenciais sobre os monumentos megalíticos existentes na região do Alto Alentejo. Uma das tarefas essenciais neste processo de classificação consiste na realocação e registo do estado de conservação dos monumentos alvo deste processo. Este artigo irá debruçar-se sobre o estado de conservação de alguns dos monumentos megalíticos identificados no Alto Alentejo.

Palavras-chave: Megalitismo, Alto Alentejo, Classificação, Conservation.

Abstract

The current process of classifying the Alentejo Megalithic heritage has allowed us to collect a set of essential data on the megalithic monuments in the Alto Alentejo region. One of the essential tasks in this classification process is the relocation and recording of the state of conservation of the monuments. This article will focus on the state of conservation of some of the megalithic dolmens and menhirs identified in the upper north of Alentejo.

Key-words: Megaliths, Alto Alentejo, Classification, Conservation.

O processo de classificação do Megalitismo Alentejano

Antes de se avançar para esta sinopse sobre o estado de conservação do megalitismo do Alto Alentejo é necessária uma deslocação até ao Guadiana para perceber a origem do processo de classificação do Megalitismo Alentejano. Com a construção da barragem do Alqueva e do sistema de rega que esta barragem abastece, verificou-se um aumento exponencial da área agrícola em regime intensivo e superintensivo no Baixo Alentejo e no Alentejo Central. O aumento da área de plantio de olival e amendoal em exploração recorrendo a este tipo de agricultura levou à alteração do uso do solo em grandes extensões destes territórios.

Numa primeira fase, os trabalhos de preparação dos solos consistem em revolvimentos extremamente profundos realizados por maquinaria pesada e abertura de valas para a colocação das canalizações e irrigação. O resultado destas intervenções é uma alteração profunda e irreversível da paisagem. Esta alteração da paisagem, ao intervir profundamente no subsolo origina um impacto extremamente negativo em todo o património arqueológico, não escapando a esta investida o património megalítico.

O fenómeno registado nos últimos anos levou a Direção-Geral do Património Cultural, por proposta da Direção Regional de Cultura do Alentejo à abertura de um Processo de Classificação do Megalitismo Alentejano, consubstanciado nas razões apresentadas nesse mesmo anúncio de abertura:

"Estarmos na presença de um conjunto de valor incalculável. Sendo um referencial na paisagem de longa diacronia, é no Alentejo que se encontra uma das maiores concentrações de monumentos megalíticos da Península Ibérica e uma das mais relevantes à escala europeia, com uma cronologia entre o 5^a e o 3.^o milénio a.C."

"A proteção, investigação e valorização deste recurso cultural de elevada potencialidade, numa perspetiva de salvaguarda e ordenamento do território constitui uma tarefa premente considerando o processo acelerado de mudança de uso do solo que se tem intensificado nas últimas décadas, com sucessivas destruições de monumentos. A ameaça real intensificou-se com a rápida e profunda transformação da paisagem decorrente de novos modelos de desenvolvimento agrícola. A paisagem megalítica corre assim o risco de desaparecer."

O interesse deste conjunto foi atestado pelos pareceres do Professor doutor Victor Gonçalves e da Professora doutora Ana Catarina Sousa da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa e do Professor doutor Paulo Pereira da Faculdade de Arquitetura da Universidade de Lisboa, apresentados na proposta de abertura deste processo. Nesse sentido, foi publicado um primeiro anúncio em 2022, que iniciou o processo de classificação deste património (Anúncio 39/2022, diário da república, n.º 40/2022 Serie II, de 25 de fevereiro). Em 2023, foi revogado e aberto um novo anúncio (Anúncio 17/2023, diário da república, n.º 31/2023, Serie II, de 23 de fevereiro.). Essa revogação deveu-se aos resultados dos trabalhos de realocização dos monumentos megalíticos listados no primeiro anúncio. Estes trabalhos de realocização contaram com a participação de um alargado grupo de técnicos da tutela, das autarquias, da academia e da sociedade civil que permitiram clarificar a lista dos monumentos a classificar.

O estado do megalitismo do Alto Alentejo.

Uma das tarefas essenciais implementadas para o processo de classificação do Megalitismo Alentejano consiste na realocização e registo do estado de conservação dos monumentos alvo deste processo. Este trabalho de campo permitiu realocar e verificar o estado de conservação de alguns dos monumentos megalíticos identificados no Alto Alentejo. Mas antes de falar do estado dos monumentos megalíticos propriamente ditos, é necessária uma análise à geologia da área, uma vez que é ao substrato rochoso que os megálitos vão buscar a sua substância.

Em termos geológicos, e concentrando apenas nas litologias utilizadas na construção megalítica, o Alto Alentejo divide-se, principalmente entre os granitos a sul e os xistos a norte. Os xistos correspondem à Formação Xisto-arenítica da Urra constituída por xistos cloritizados, de grão fino a muito fino, às vezes mosqueados, demonstrando evidências de metamorfismo (Fernandes *et al.*, 1973 em Neto de Carvalho, C. e Rodrigues, J., 2005). No que respeita as rochas magmáticas intrusivas destaca-se para uma pequena mancha do Maciço de Portalegre, tectonizado, o mais antigo da região (492,7 ± 3,5 milhões de anos) representado pelo Granito da Alagoa (Solá, 2007; Pereira *et al* 2010). Relativamente ao Maciço de Nisa-Albuquerque, com uma extensão transfronteiriça de cerca de 1000 km², mais a norte, distinguem-se no concelho de Nisa três fácies de granito: Granito de Nisa, Granito de Alpalhão e Granito de Gáfete (Solá, 2007). O Granito de Nisa é um granito biotítico-moscovítico de granulometria grosseira, fortemente porfiroide com megacristais de feldspato, ocupando a maior área. O Granito de Gáfete, envolvido pelo Granito de Nisa, apresenta grão médio a fino, de cor amarelada, predominantemente moscovítico, ocorrendo fraturado e moderadamente alterado. O Granito de Alpalhão (Pinheiral), envolvido pelo Granito Gáfete, é um granito biotítico, de grão muito fino, textura homogénea e cor acinzentada, disperso em pequenas manchas (Neto de Carvalho e Rodrigues, 2005). Mais a sul, na formação da Urra, aparecem xistos negros landeilianos, de idade ordovícica (Pereira, 1995). A megaestrutura de Crato-Arronches-Campo Maior apresenta uma faixa central com rochas metamórficas de alto grau, limitada por sequências afetadas por metamorfismo de grau mais baixo.

A megaestrutura de Assumar apresenta uma possível evolução progressiva das condições de metamorfismo desde fácies de baixo grau a intermédio (Pereira, 1995). O ortogneisse de Assumar localiza-se no limite entre as unidades do Neoproterozoico e do Câmbrio inferior da Megaestrutura de Assumar. É um milonito de composição granítica com tonalidade rosada e apresenta tendência ocelada, com uma foliação subvertical (Roseiro *et al*, 2023).



Antas com elementos estruturantes em xisto. Anta das Pedras Brancas, concelho de Gavião (em cima) e Anta da Lomba da Barca (direita), concelho de Nisa

É neste substrato rochoso local que os primeiros agricultores vão buscar a matéria-prima para os seus monumentos. O aprovisionamento dos elementos líticos construtivos acontece na envolvente do local de implantação, na sua grande maioria não excedendo uma distância superior a 1-2 km (Boaventura, 2000). Por essa razão, verificamos que os monumentos localizados mais a norte são construídos com recurso ao xisto como podemos ver na anta das Pedras Brancas no concelho de Gavião.

A geologia da região reflete-se ainda mais neste monumento uma vez que a referência às "pedras brancas" reflete a grande quantidade de quartzo presente no local e que deveria cobrir a mamoa agora inexistente. Caso similar encontramos em outro monumento em xisto, a anta da Lomba da Barca, no concelho de Nisa. A vantagem e o problema dos xistos é serem fortemente laminados o que facilita a sua preparação aquando da elaboração dos elementos que vertebram as antas, mas que aumenta a sua fragmentação e fracturação com o passar dos tempos. Mais a sul, verifica-se o recurso ao xisto no monumento da Nave Fria 1, no conselho de Arronches, quando, curiosamente, na anta da nave Fria 2, situada nas proximidades, foi utilizado o diorito (Oliveira *et al*, 2011). A transição entre xistos e granitos passa no concelho de Nisa pelo que na zona sul deste concelho os monumentos megalíticos apresentam elementos construtivos em granito. A anta dos Saragonheiros 1 representa um bom exemplo das antas em granito registadas neste concelho. De grandes dimensões, esta anta foi escavada e intervencionada recentemente ao abrigo do projeto Mega Nisa dirigido pelo Prof. Jorge Oliveira. Uma das últimas intervenções correspondeu à colocação da laje de cobertura (Oliveira, 2019).

Em termos metodológicos, os trabalhos de registo e definição do estado de conservação dos monumentos megalíticos obrigaram a elaboração de uma graduação desses monumentos que refletisse a realidade do estado em que se encontram, de uma forma indicativa e para uso pessoal. Optou-se por adotar uma escala de base dez que pudesse englobar a totalidade dos estados de conservação dos monumentos e que permitisse uma distinção efetiva entre eles. A referência que se faz ao corredor, nos casos em que os monumentos possam ser adscritos aos tipos 1, 2 e 3 da tipologia definida por Andrade e Gonçalves (2020), não deverá ser tida em conta.

Grau zero – O primeiro nível deveria obviamente abarcar o que não conhecemos. Ao longo dos séculos um número indeterminado de monumentos foi totalmente destruído não tendo permanecido qualquer conhecimento da sua existência. Trata-se de um universo cuja dimensão nunca será conhecida, mas cuja existência assenta na própria presença do fenómeno megalítico.



Anta do Vale do Gamenito 1, no concelho de Nisa. Este monumento foi destruído com o plantio de eucalipto no final do século XX (foto gentilmente cedida por Jorge Oliveira)

Grau um – Contrapondo com a inexistência da graduação anterior existe um conjunto de monumentos que se encontram atualmente totalmente destruídos, mas dos quais existe, por diferentes meios, conhecimento da sua existência. Alguns são identificados em obras científicas mais antigas, diplomática, outros em textos literários ou mesmo em correspondência privada.

Grau dois – Além dos monumentos definidos no ponto anterior, verifica-se que alguns monumentos foram totalmente destruídos, mas com conhecimento da sua existência e da sua localização. Infelizmente as destruições de monumentos megalíticos não são nem recentes nem exclusivas do baixo Alentejo e do Alentejo Central. Várias foram as antas destruídas no final do século passado originadas pela febre do eucalipto principalmente nos concelhos de Gavião e Nisa. Está nesta situação a anta da do Vale do Gamenito 1, no concelho de Nisa. Este monumento foi destruído com o plantio de eucalipto no final do século XX.

Grau três – Neste grupo consideram-se os monumentos parcialmente destruída com preservação de esteios da Câmara. Nesta situação verifica-se a existência de alguns elementos que delimitam ainda a câmara do monumento, mas sem a totalidade dos componentes arquitetónicos estando também ausentes quaisquer vestígios do corredor.

Grau quatro – algumas antas encontram-se parcialmente destruída, mas com preservação de esteios da Câmara e do corredor. Pode ser incluído nesta categoria um monumento de grandes dimensões, a anta da Serrinha 1 em Monforte, foi alvo de uma intervenção recente (Rocha e Morgado, 2020). Neste monumento a mamoa foi comida pelos trabalhos agrícolas e, como se pôde comprovar com as cheias do ano passado, possivelmente também com a fúria do rio que corre a norte. Alguns esteios já desapareceram. Situação idêntica encontramos mais a norte em Marvão, na anta da Granja, embora os esteios da câmara estejam quase todos presentes. Neste caso parte da zona onde se situa a mamoa foi cortada pela estrada.



Anta da Serrinha 1. Concelho de Monforte



Anta da Granja, Concelho de Marvão. Embora os esteios da câmara deste monumento estejam quase todos presentes, parte da zona onde se situava a mamoa foi cortada pela estrada. (Foto: Raul Ladeira, 2022)

Grau cinco – Certos monumentos apresentam os esteios da Câmara conservados ou com chapéu, mas com alguns esteios ausentes. Esta fase de conservação dos monumentos megalíticos é a mais presente na mente do cidadão comum, porque tem sido estilizada em sinalização vertical para identificar o património megalítico. Em Castelo de Vide, a Anta da Melriça representa um caso de tenacidade. O chapéu mantém-se em posição graças ao esforço de um único esteio do lado sudeste. Este esteio apresenta ainda um início de fratura em toda a sua largura. A área desta fratura apresenta ruborização possivelmente originada pela incineração de material vegetal presente no interior do monumento.

Grau seis – Quando os esteios da Câmara e do corredor aparecem conservados, ou noutra situação em que o chapéu da câmara ou do corredor se encontram conservados. Certas construções megalíticas sofreram menos impactes humanos e naturais e tiveram a sorte de manter a maior parte da sua estrutura pétrea.



Anta 1 do Tapadão (ou da Aldeia da Mata), Concelho do Crato. (Foto: Raul Ladeira, 2022)

Grau sete – Monumentos com câmara e corredor cobertos. A integridade estrutural encontra-se presente, mas faltando todos os elementos sedimentares e pétreos que constituíam a mamoa. À medida que o grau de conservação aumenta vai diminuindo o número de monumentos que podem ser incluídos nessa compartimentação. Um dos monumentos que apresenta estas condições de conservação, sendo também um dos maiores conhecidos no Alentejo é a anta 1 do Tapadão (ou da Aldeia da Mata), localizada no concelho do Crato.

Grau oito – Câmara e corredor cobertos com vestígios de mamoa. Em Portalegre encontra-se uma necrópole interessante localizada na margem esquerda da ribeira de Seda, denominada Campino. O monumento 1 foi o mais afetado tendo perdido parte da mamoa estando parte dos esteios descobertos, mas ainda conserva a laje de cobertura. E pode ser incluído nesta categoria. O monumento Campino 3 encontra-se na mesma situação tendo sofrido erosão de parte da sua mamoa. Infelizmente o coberto vegetal não permite uma boa leitura do que ainda se encontra conservado. A anta do Campino 2 é a que se encontra mais bem conservada. Embora o topo do monumento tenha sido afetado, ainda conserva boa parte da sua mamoa. É ainda perceptível o topo de alguns esteios. Como não apresenta *a priori* a cobertura da câmara foi inserida neste grupo. Caso apresentasse o esteio de cobertura poderia ser incluído no grau de conservação seguinte.



Anta do Campino 1. Necrópole megalítica do Campino. Em Portalegre, encontra-se uma necrópole interessante localizada na margem esquerda da ribeira de Seda, composta por vários monumentos

Grau nove – Neste grupo está-se na presença de monumentos extremamente bem conservados, muitas vezes apenas com o topo da mamoa afetada, verificando-se a câmara e o corredor cobertos com mamoa bem conservada.

Grau dez – Monumento com mamoa intocada. Os exemplares que cumpram os requisitos para ser integrados neste conjunto são escassos, mas existem. Correspondem sepulcros cuja integridade nunca foi comprometida estando perfeitamente conservados.

O património megalítico do Alto Alentejo não se resume apenas aos monumentos funerários. Também está representado por esses exemplares líticos solitários denominados menires. Estão atualmente identificados 26 monumentos desta tipologia na região (Oliveira, 2023). Alguns mais modestos como o menir da água de Cuba em Marvão, outros mais imponentes como o menir do Patalou em Nisa. Este menir foi alvo de uma intervenção recente que lhe restitui toda a sua grandiosidade (Oliveira, 2019). Grandiosidade que também ostenta o menir da Meada em Castelo de Vide, também ele alvo de restauro ainda no século passado (Oliveira, 2023). Uma vez que o seminário que levou à elaboração do texto que estão agora ler é precisamente a história deste menir à procura da sua verticalidade. E que verticalidade, sete metros olhando o céu! Nada melhor que terminar este periplo por alguns dos monumentos do Alto Alentejo com aquele que pode ser considerado, com a maior justeza, o seu *Ex Libris*.



O património megalítico do Alto Alentejo não se resume apenas aos monumentos funerários. Também estão bem representados os menires. Os Menires do Patalou, no concelho de Nisa, (esquerda) (Foto: Raul Ladeira. 2022) e Menir da Meada, no concelho de Castelo de Vide (direita) contemplam-nos do alto da sua verticalidade

Conclusões

Como era expectável verifica-se a existência de um estado de conservação variável entre os monumentos analisados. O passar do tempo refletiu-se de forma diferente para cada um deles. Nalguns casos a erosão provocada, ou não, pela agricultura resumiu o monumento à sua mais simples estrutura, permanecendo até hoje apenas um número inconstante de lajes de xisto ou granito.

Alguns monumentos foram destruídos em época recente, por mão humana. Outros apresentam apenas alguns esteios, outros ainda conservam cobertura e corredores e, nuns casos menos numerosos apresentam a mamoa conservada. Porém, representam um património ímpar que urge proteger. A classificação de grande parte dos Monumentos Megalíticos do Alentejo abre novas perspetivas para a valorização deste património. Este processo tem de ser entendido como um procedimento dinâmico que admita algumas alterações à medida que se caracterizam os monumentos em análise e se verifiquem alterações nas suas condições de conservação.

Confrontados com o fim das Direções Regionais de Cultura e a proximidade aos sítios que lhes era inerente, é fundamental que as intervenções neste património possam ser realizadas por técnicos especializados, mas sob iniciativa local, a nível autárquico ou supramunicipal. Estas entidades deverão ter nos seus quadros pessoal competente para intervir sobre o património.

Com a conclusão do processo de classificação do Património Megalítico Alentejano parece evidente se deverá passar para a classificação dos sítios mais relevantes dos outros períodos de ocupação deste território, desde a pré-história antiga até aos períodos moderno e contemporâneo.

Bibliografia

- Boaventura, R. (2000)- A Geologia das Antas de Rebuje (Monforte, Portugal). Revista Portuguesa de Arqueologia. Volume 3, N.º 2, pp. 15-23.
- Gonçalves, V. e Andrade, M. A. (2020): "Os núcleos megalíticos do Deserto e Barrocal das Freiras (Montemor-o-Novo, Alentejo médio) na construção das paisagens sagradas das antigas sociedades camponesas dos 4.º e 3.º milénios a.n.e.", OPHIUSA- Revista do Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa. N.º 4, pp. 05-30.
- Neto de Carvalho, C. e Rodrigues, J. (2005) – "Património Geológico e Geomineiro de Nisa: caracterização do território e sua integração no Geopark Naturtejo". Açafa Online, 5, pp. 91-168.
- Oliveira, J. (2019) - "Meganisa", Câmara Municipal de Nisa.
- Oliveira, J. (2023) - "O Menhir da Meada, Castelo de Vide". Edições Colibri.
- Oliveira, J, Moitas, E. e Oliveira, C. (2011) - "Monumentos megalíticos do concelho de Arronches". Arqueologia do Norte Alentejano – Comunicações das 3.as Jornadas, Lisboa, Edições Colibri/C. M. Fronteira, pp. 415-424.
- Pereira, M. F. C. C. (1995) - Estudo tectónico da megaestrutura de Crato-Arronches-Campo Maior: a faixa blastomilonítica e o limite setentrional da zona de Ossa Morena com o autóctone centro ibérico (nordeste alentejano). Tese de Mestrado. Departamento de Geologia, Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa.
- Pereira, M.F. & Silva, J.B. (2006). "Nordeste Alentejano". In: Dias, R., Araújo, A., Terrinha, P., Kullberg, J.C. (2006) Geologia de Portugal no contexto da Ibéria, pp.145-150.
- Rocha, L. e Morgado, P. (2020). "Duas novas datações para contextos funerários do Sul de Portugal: a Anta da Serrinha (Monforte)". Scientia Antiquitatis, vol.4, no.2, pp. 105–116
- Roseiro, J., Moreira, N., Nogueira, P. e Oliveira, D. (2023). Caracterização preliminar da deformação dos ortognaisses alcalinos e hiperalcalinos da Faixa Blastomilonítica (Zona de Ossa-Morena). Resumos do XI CNG 2023, Coimbra,
- Solá, A.R. (2007) Relações petrogeoquímicas dos maciços graníticos do NE Alentejano. Tese de Doutoramento, Universidade de Coimbra.

